

Ademir Pascale - Organizador

# Para Sempre

**CONTOS E POEMAS DE  
AMIZADE E AMOR - VOL. II**



**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-00-61568-5**

**2023**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

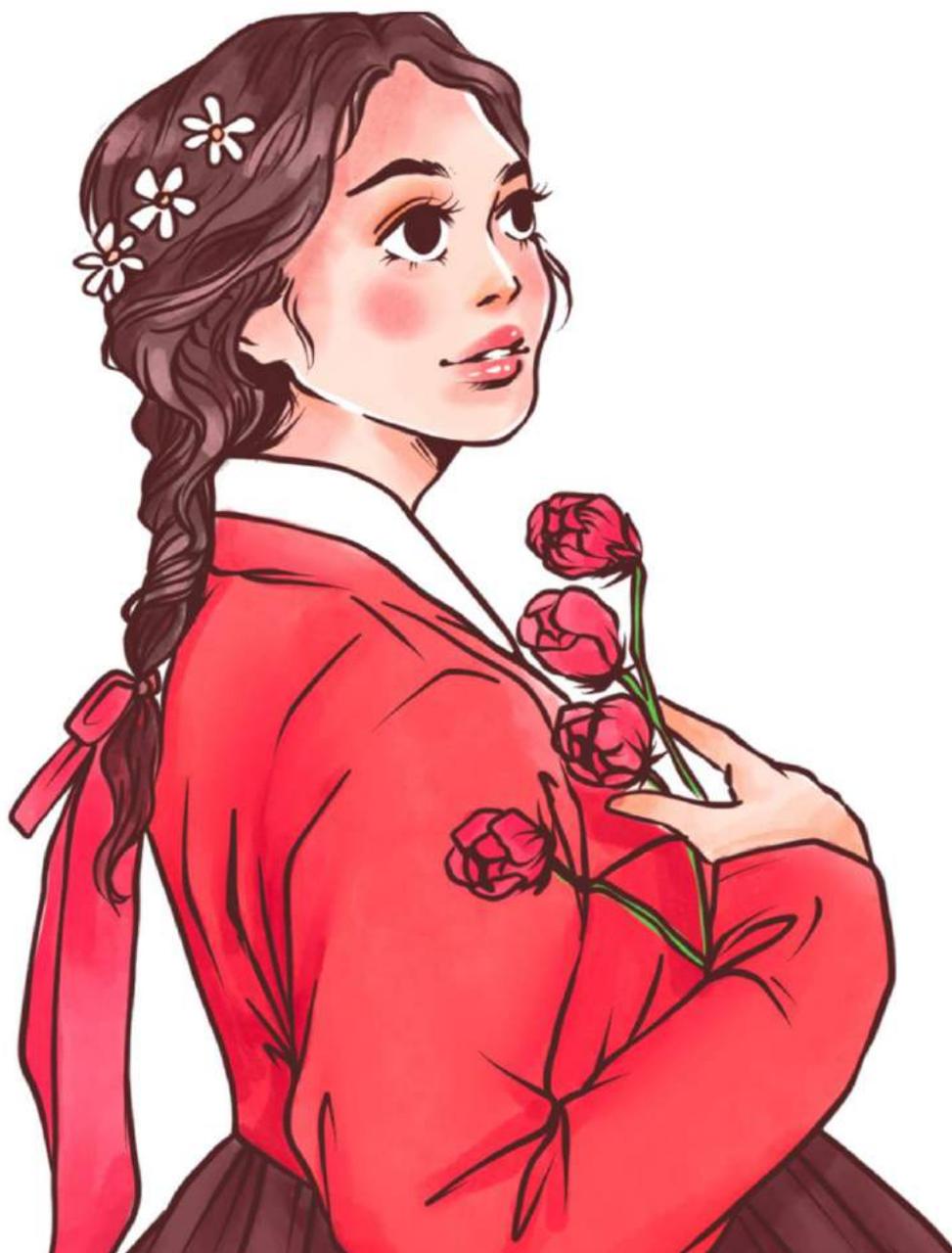
# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

- IRMANDADE, FRATERNIDADE, TRIBO, POR CRISTIANE CAMARA, PÁG. 05  
AMOR ETERNO, POR DENISE PERES MARTINS REZENDE E GILSON KAMBINDA, PÁG. 08  
AMOR ÁGAPE, POR ENJOO, PÁG. 10  
VONTADE ATÉ DE VOLTAR, POR HENRIQUE CANANOSQUE NETO, PÁG. 14  
AMOR ETERNO, POR ROSA DOS VENTOS, PÁG. 16  
LEMBRANÇAS DE AMIZADES, POR LUIZ H., PÁG. 19  
A PIOR MÚSICA, POR LUIZ H., PÁG. 21  
TODA VEZ QUE MINHA MÃE ME PEDE PARA FICAR, POR LUÍZA GUBERNATI COLLOCA,  
PÁG. 23  
AMOR ATRAVÉS DO TEMPO, POR MARIA ANTONIETA IADOCICCO, PÁG. 26  
A PARTIDA, POR MAURO M. MASSUDA, PÁG. 31  
RELAÇÃO DE AFETO, POR MEIRE MARION, PÁG. 36  
AMIZADES TÃO MINHAS!, POR MICHELE STRINGHINI DA SILVA, PÁG. 38  
O VELAR DAS PRIMAVERAS, POR DANILO LUCENA CHAGAS, PÁG. 40  
O ROSTO E O PINCEL, POR DANILO LUCENA CHAGAS, PÁG. 42  
AMOR HUMANO E NATUREZA, POR DANILO LUCENA CHAGAS, PÁG. 44  
PAISAGENS, POR ROAN SOUSA, PÁG. 46  
PARAÍSO, POR ROAN SOUSA, PÁG. 48  
IMPROVÁVEL, POR ROAN SOUSA, PÁG. 51  
AMOR-PERFEITO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 54  
O VERBO AMAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 56  
AMIGOS NO TEMPO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 58  
SATISFAÇÃO, POR SÍLVIA CRISTINA LALLI, PÁG. 59  
SEM FIM, SEM SIM, POR SÍLVIA CRISTINA LALLI, PÁG. 62  
UM APÓLOGO HUMILDE (CONTINUAÇÃO DE "UM APÓLOGO", DE MACHADO DE ASSIS),  
POR TIAGO SALPIN, PÁG. 64  
SEREIA VIRTUAL, POR WAGNER PIRES, PÁG. 69  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 72

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
[WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)

**PARA SEMPRE  
CONTOS E POEMAS DE  
AMIZADE E AMOR  
VOL. II**





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# Irmandade, fraternidade, tribo

Por Cristiane Camara

Cristiane Camara é professora de Língua Portuguesa há dezessete anos na rede estadual do Paraná. Formada em Letras Português/Inglês pela UNESPAR de União da Vitória – PR; Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas, Educação do Campo e Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. É autora do livro de crônicas e memórias “Revire dentro Encontre (se) fora”, publicado pela editora CRV.

Há na literatura, variados romances que trazem à tona as relações entre irmãos. De Esaú e Jacó da Bíblia Sagrada, à Esaú e Jacó na releitura de Machado de Assis, aos Irmãos Karamazov, de Dostoievski, Dois Irmãos, de Milton Hatoum e, mais recentemente, Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. São obras permeadas por questões sociais, políticas, de cunho filosófico-religioso entre outras temáticas. Isso não vem ao caso agora, o que quero destacar, é que todas tem em comum a presença de personagens irmãos e, através deles, somos levados a pensar essa relação com aqueles que dividem conosco os mesmos progenitores e por conseguinte, o mesmo sangue, a mesma realidade inicial de vida.

Esaú e Jacó e mesmo Pedro e Paulo, na versão de Machado, conta a história de gêmeos com personalidades diferentes, um protegido e outro preterido, para ser bem simplista na descrição. “Os Irmãos Karamazov”, nos coloca diante de irmãos que são, antes de tudo, vítimas da desestruturação familiar, dos valores duvidosos, do embate entre corpo, mente e espírito, visto que Dmitri deixava-se levar pelos prazeres carnavais, Ivan era racional e questionador da doutrina cristã e, por fim, Alyosha, dono de uma espiritualidade muito a florada. Há ainda nesta obra, um provável irmão bastardo. Na obra de Hatoum, os irmãos são personagens dúbios e perfeitamente reais e palpáveis, por um lado moralistas e, por outro, habitados por desejos e sentimentos que muitas vezes nos assustam e nos assombram. Como seres humanos, não somos sempre corretos ou sempre errôneos naquilo que fazemos, pensamos e sentimos. Em “Torto Arado”, as irmãs são unha e carne, perfeitamente cúmplices, uma é literalmente a voz da outra, mas a vida as leva a escolhas diferentes, apesar de lutarem por uma causa comum. E o que mais me fascina na literatura, é exatamente essa investigação, essa tentativa de compreender o comportamento humano e, ao mesmo tempo, a possibilidade de observar a extrema complexidade destas relações.

Como podemos observar, na literatura e na vida, há diferentes tipos de relação com estes que dividem a vida conosco, que vem do mesmo núcleo familiar e por isso enfrentam muitos problemas, mas também tem muitas alegrias em comum e nos conhecem como ninguém. Eles não têm apenas o nosso sangue e genes em comum, têm muito mais do que isso, têm informações sobre nós, as mais secretas. É com eles que dividimos as angústias sobre nossos pais, são eles que entendem as raízes dos motivos pelos quais nos sentimos desta ou daquela forma. São eles que sabem qual será nossa reação em diferentes situações. Sejam eles, rivais eternos ou cúmplices para sempre.

Particularmente, tive a sorte de ter irmãos que se encaixam na segunda opção. Quando crianças, éramos do tipo que encobríamos o erro do outro para que não fôssemos punidos pelos nossos pais, que brigávamos um com o outro, mas nos defendíamos quando alguém brigasse com um de nós, no estilo “eu posso falar isso dele (a) por que é meu irmão, mas você não pode, não lhe dou esse direito”. Como Bibiana e Belonísia, na vida adulta, fomos levados a procurar o próprio caminho, a construir a própria história, mas no fundo sempre sabemos que há alguém com as mesmas raízes que

nós, com marcas da vida muito parecidas, que defendem a mesma causa e com quem sempre podemos contar.

Nunca considere não dar um irmão aos meus filhos, pois considero que são um ponto de apoio fundamental, amigos para a vida toda, amores de alma. Sempre vi nos meus irmãos, um grande presente da vida. Por mais que a literatura e a vida, nos mostrem casos diferentes, é um risco que vale a pena correr.

Quando não é possível ter irmãos de sangue, ou mesmo quando os temos, sempre há a possibilidade de também encontrarmos irmãos de alma, de afinidade, de coração, aqueles que farão parte da nossa tribo, que dividirão alegrias e tristezas. O que vale é ter com quem compartilhar, por que compartilhar torna os fardos mais leves e a felicidade mais intensa. O bom mesmo é juntar tudo e fazer uma grande tribo. Não teremos afinidades com todas as pessoas, não concordaremos com todos, mas sempre encontraremos aqueles que se encaixarão no nosso abraço, que rirão das nossas piadas, que oferecerão um ombro amigo e, aí está, um dos grandes motivos que fazem a vida valer a pena.





A P R E S E N T A M O S O D U E T O

# Amor Eterno

Por Denise Peres Martins Rezende e Gilson Kambinda

## DENISE PERES MARTINS REZENDE

Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora, Revisora textual, Licenciada em Pedagogia. Amante das Letras. Operadora das leis. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Amante do imagético, da eternidade, do amor atemporal, dos dias estrelados e das noites com sol.

Instagram: @escritoradeniseperesmartins - Facebook: Denise Peres Martins - Poetisa

<https://www.facebook.com/denise.peresmartins.1?mibextid=ZbWKwL>

LinkedIn: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>

Linktree: <https://linkinbio.com.br/new/deniseperesmartinsrezende>

## GILSON KAMBINDA

Jovem sonhador, criativo e com uma imaginação sem limites;

Professor, Informático, Sociólogo e Escritor;

Apaixonado por literatura, música, poesia e do amor;

Tem como Hobbie: Fazer leituras, escrever, caminhar e conviver com amigos e familiares;

Pai de 3 Filhos lindíssimos, minha bênção;

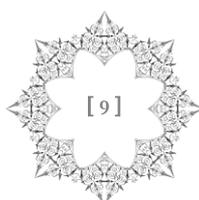
Participante da Colectânea Brasil África pela Editora Baronesa.

Desejos: Enveredar num caminho de produção literária.

Perfil Instagram: @gilson\_kambinda - Facebook: Gilsony Kambinda

<https://w.w.w.facebook.com/gilson.isaias.5496?mibextid=ZbWKwL>

Amor como este é fogo que aquece.  
Desejos à flor da pele deixando a paixão ardente.  
Musa perfeita.  
Sacio sua ânsia de nos meus braços ter-te,  
Envolver-te com este mar de rosas,  
Amada caliente.  
Linda é a sua voz uma música aos meus ouvidos,  
Que faz o tempo passar despercebido.  
Sim, sinto saudades e não importa a galáxia,  
Outra dimensão, seja lá o que for, porque a ti sempre estarei unido.  
Se é amor ou paixão, uma alma gêmea, uma canção, sei lá.  
Não hesito, a ti dou meu coração.  
Eu me sinto uma adolescente quando falo com você.  
Amo cada milímetro do seu ser.  
Completamente apaixonada,  
Sem conseguir pensar em mais nada.  
Eu nunca amei assim.  
Quando eu te vi meu coração disse: - Sim.  
Farei provas sobre a sua genética.  
Estudarei toda a sua aritmética.  
Serei sua amada.  
Fui a você predestinada.  
Eu penso em você o dia inteiro.  
No meu coração você deu um tiro certo.  
Eu sinto saudades e já sentia antes de te conhecer.  
Porque eu passei todas as vidas antes dessa procurando você.  
Não alguém como você.  
Mas, você porque a sua alma e a minha têm de estar sempre juntas.  
E é esse amor que me fez voltar para você em todas as vidas.  
Sim. As almas que se amam sempre se reconhecem,  
Pois um amor eterno nunca se esquece.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# Amor ágape

Por Enjoo

Carioca de nascimento, Marcos, a anos reside nas montanhas da Mantiqueira. Casado com a Rosana; amante de jazz e música instrumental brasileira. Pianista em devaneios e tricolor de coração. Encontrou no ato da escrita uma forma de expressar o interior. Para trás ficaram os laboratórios, o químico e o professor. À frente, uma vida cantada em contos e crônicas.

**N**o período de férias do ateneu, por vezes, a residência da vó era refúgio certo. Mochila entrelaçada aos ombros, a *cama nas costas* e um mau humor acriançado. Lá foi o pequeno Ávila passar o dia contrariado. Se pudesse escolher, certamente as traquinagens na companhia dos amigos de condomínio seria a opção preferencial. Ao chegarmos ao apartamento a porta e os braços abertos eram os sinais do acolhimento familiar. Infelizmente uma reunião de trabalho, logo pela manhã, acelerou o tempo de saudação entre o oi e o até logo.

Mesmo preocupado com a alimentação do dia não as externei naquele curto período de diálogo. As refeições do *moleque* na casa da *vóvis* sempre foram conturbadas. O reizinho da família apresentava dificuldades em mostrar suas aptidões de glutão. Os potinhos de margarina com as sobras do dia anterior não eram capazes de catalisar o apetite do netinho.

O insucesso do vô *postigo* nas tentativas em lhe ensinar os segredos do rádio amadorismo eram nítidas. E olha até que tentava: — Senta aqui do meu lado. No grupo de rádio amadores sou conhecido pelo prefixo: py2 alfa bravo delta juliete. Por mais que *vovó* se desdobrasse em explicações o menino não permanecia a seu lado mais que um minuto. E pior! Quando ouvia a chamada do prefixo por outros aficionados, às gargalhadas rodopiava pela casa repetindo-o como um papagaio em fase de treinamento o indicativo pessoal: Py2 alfa bravo delta juliete.

Ao final da tarde após o trabalho voltei para buscá-lo. Apertei o botão da campainha, torcendo para que viesse abrir a porta. Como um *foguete*, abriu-a, a escancará-la. O sorriso sincero e o abraço apertado preencheram as lacunas da canseira do dia. As mãos estendidas em concha precederam a pergunta recorrente: — Trouxe alguma coisa para mim? — Claro, filho!

Com olhos arregalados e ansiosos aplicou uma força capaz de esfrangalhar o embrulho contendo a surpresa. — Ahh...não acredito! O He-Man e o Gato Guerreiro. Poxa, pai! É de mais!

A dose de novos abraços e beijos acalorados externou ainda mais sua exultação. A alegria foi tanta que por pouco as vestimentas dos heróis não foram parar na lixeira.

Enquanto aguardávamos a mãe servir o café da tarde as lembranças dos anos ali vividos dominaram a memória

*Os trezentos degraus de escada até portaria do prédio nunca os esqueci. Metros adiante já me encontrava dentro do trabalho. Aos quatorze anos quase tudo era permitido. Não hesitava em pular o portão que separava a residência do trabalho. Nem o pijama que ainda trajava por baixo da roupa impedia-me os movimentos da escalada. Batia o ponto de entrada e voltava para casa. Com calma me sentava à mesa. O jejum da manhã estava pronto e a me esperar. Tal qual no dia de hoje...*

O lanche foi rápido. Estava receoso com as chuvas de março como cantava Jobim. Durante a despedida entre o netinho e a vovó pude observar, mas não comentei, o joelho ralado realçando sobre a pele branca do menino. O tombo da escada deve ter doído! Os degraus eram os mesmos onde na infância minhas marcas *tatuei*.

— Já estão indo? É melhor. Não será bom voltarem à noite para casa. Vovó vai preparar rápido, um farnel. Esperem só um pouquinho...

— Obrigado, mãe. Não precisa se preocupar.

— Foi um prazer filho, passar o dia com meu neto. Voltem outras vezes.

— Vai lá, meu filho. Se despede da vó. Dá um beijinho nela e no vô. Vamos então, garoto? Bora partir, antes que a chuvarada chegue.

Era um estirão chegar até o carro estacionado. Na metade do percurso o *meninão* se aboletou no colo. Chegando no carro abri a porta traseira. Com cuidado estendi seu corpinho no banco preto forrado de courvin. Neste momento entreguei-o aos *braços de Morfeo*. Os vidros fechados evitaram a chuva dentro do veículo. Porém, sem impedir o calor insuportável no interior da *Brasília amarela*.

No caminho para a casa a lentidão do trânsito permitia-nos, por instantes, apreciar os barcos de remo: Skiff e o oito com patrão. Sob o comando da voz firme e orientadora do timoneiro. Pelo retrovisor vi meu menino ainda entorpecido a ressonar. Adormecia junto aos *heróis guerreiros* grudados à mão esquerda

Deixei-o que dormisse até que acordasse de forma natural. Uma hora após a breve madorna abriu os olhos. Ainda sonolento, perguntou-me:

— Onde estamos? Falta muito para chegar em casa? Nossa... como chove!

— Estamos com problemas, filho. As fortes chuvas inundaram as galerias. O fluxo de carros nos dois sentidos dos túneis foi interrompido. Não poderemos prosseguir a viagem.

Sem demonstrar maiores reações recostou as costas na mochila e passou a dialogar com os super-heróis: — Eu tenho a força!...

As veias do pescoço davam ritmo às convicções declaradas. Afinal, estava investido de príncipe Adam ao outorgar poderes especiais aos personagens.

A chuva não cessou. Os carros desligados e em fila indiana aguardavam a reabertura das galerias. Conhecedor do histórico regional temi pelo pior. A foz do rio que dava nome ao bairro corria o risco de transbordar antes de alcançar a baía. Os bueiros entupidos impediam a passagem das águas pluviais. Os resultados foram ruas inundadas e carros boiando pelas avenidas.

— Vai demorar muito, pai? Tô louco para chegar em casa.

— Espero que não, filho. Que tal passarmos o tempo? Escolhe uma brincadeira

— Vamos brincar com os bonecos que você me deu.

Encheu o pulmão de ar, cerrou os olhos e bradou de forma repetida:

— Pelos poderes de grayscull...eu tenho a força. Como se He-Man fosse.

O mergulhar no clima da brincadeira não me eximia de preocupações. A chuva teimava em continuar. Por entre os vidros do carro observava o movimento dos prédios vizinhos. Tinha esperança em avistar uma *viva alma na janela*. De alguma forma precisava comunicar à família a situação que estávamos vivendo

— Filho! Que tal fazermos um lanche? O farnel preparado pela vovó nunca foi tão bem-vindo. Tem suco de laranja, fatias de bolo, pães e biscoitos.

Pulamos para o banco de trás e arrumamos a *mesa* com as provisões. Estiquei um plástico e coloquei as vasilhas contendo os petiscos.

Mesmo diante da situação insólita desfrutávamos do momento. O menino Ávila, aceitou com naturalidade. Quase ao final do convescote, num rompante ajuizado, disse-me:

— Lembrei, pai! Preciso fazer os exercícios da escola. Tenho que entregar amanhã, sem falta.

— Sem demonstrar surpresa, não titubeei. Não seja por isso! É para já.

Rapidamente desfiz o ambiente adaptado do *banquete*. O banco traseiro da Brasília, em minutos foi transformado em ambiente escolar. A seu lado, como um expectador, acompanhei o cumprimento da tarefa. Os primeiros bocejos de cansaço e sono se fizeram presentes.

A falta de rádio no carro me impedia de ter acesso ao noticiário. Os automóveis enfileirados e motores desligado, por si só, eram indicativos de que nada mudara.

— Vamos dormir, filhão? Soninho está chegando, né? Ou estou enganado?

— Nós vamos morar aqui para sempre, pai? Dentro *dum* carro?

— Por hora, vamos. O *Brasilião*, será nosso lar, até quando Deus quiser. Falando nisso... me ajuda a arrumar a cama?

— Cama?

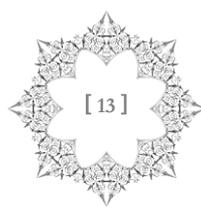
— Por favor, estica essa toalha de banho aqui no banco. A mochila vai servir de travesseiro. Tá bom? Vamos rezar. Em nome do pai, do filho....

Enquanto lhe fazia cafuné, a cabeça balançava de um lado para o outro à espera do sono chegar. Com olhos fechados exibia o semblante de um anjo.

A chuva cessou. Os carros não boiaram mais. As galerias foram abertas. Os tuneis liberados. A vida seguiu um curso *anormal*.

Durante uma vida breve repartimos o pão e o espírito. Dividimos os beijos e a troca de olhares. Hoje o infinito nos separa. O túnel da vida nos colocou, de forma *temporária*, em galerias distintas.

— Pelos poderes de grayscull... eu tenho a força! Brado ao inefável, em cada amanhecer, a cada anoitecer.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Vontade até de voltar

Por Henrique Cananosque Neto

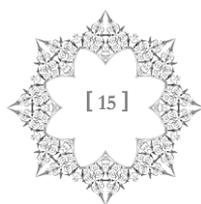
Nascido na cidade de Lins – SP, Henrique Cananosque Neto possui formação em Letras, Psicologia e Música. Atua como professor na Etec de Cafelândia e no CEEJA de Lins. Cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica na Unesp de Bauru. Participa como músico do Grupo Musical “Querigma” da Paróquia São Judas Tadeu de Lins e da Banda Municipal “Benedito Marinho” de Lins. Participa de coletâneas literárias desde 2008.

Dias e dias se passaram  
Motivos que não foram em vão  
Lembranças fortemente marcaram  
O seu e o meu coração

Vontade até de voltar  
Naquele abraço apertado  
Sorriso que é nosso lar  
Promessa de estar ao seu lado

As ruas desta cidade  
Aquecem, acolhem o olor  
Abrigam a bela saudade

Aquarela resplandece em flor  
Acalanta reciprocidade  
Para sempre amizade e amor





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Amor eterno

Por Rosa dos Ventos

Nascida em Santo André, leitora ávida, cabeça cheia de histórias, escreve desde criança. Dois livros de poesia publicados, participação em mais de 40 antologias diversas de contos e poemas, obras físicas e ebooks. Atualmente escrevendo sobre o sobrenatural, e outras histórias.

**E**m um hospital que trabalhei como auxiliar de enfermagem, tinha um casal que chamou minha atenção. Passavam por tratamento médico com o mesmo diagnóstico câncer.

Os colegas que trabalhavam a mais tempo no andar da oncologia, diziam que já estavam no hospital a meses, o filho que foi trabalhar fora do País, pagava a estadia dos pais, para que não ficassem em casa, sós com os empregados, ali teriam tudo o que precisassem e receberiam todos os cuidados paliativos, pois estavam em estágio terminal, teriam o suporte necessário, uma vez que não poderia se ausentar do trabalho diplomático.

O casal tinha por volta de 70 anos, não aparentavam essa idade, apesar do tratamento pesado, a quimioterapia que deixa o corpo debilitado e causa desconfortos e magreza excessiva.

O câncer do marido era menos agressivo, estava com câncer no estômago, e parecia reagir bem ao tratamento. Quando estava nos bons dias, brincava e pedia:

— Quero um bom filé malpassado por favor, e uma cerveja supergelada para acompanhar.

Todos riam, ele era ótimo. Apesar de tudo cultivava o bom humor, às vezes se estivesse bem, o colocávamos em uma cadeira de rodas, ele fazia questão de pegar a mão da esposa, que dormia quase o tempo todo, pois o câncer era bem mais agressivo, ali ele ficava calado e dava leves tapinhas na mão da mulher, beijando-a em seguida. Eram pequenos momentos de ternura.

Ela era um ou dois anos mais nova que ele, tinha um câncer diferente, o dela atingiu os intestinos e estava em metástase. Por anos ela cuidou do marido e do filho, um diplomata que estava na embaixada na Cidade do Cabo. Tinham vivido por mais de 40 anos juntos. Como dizia o esposo, não haviam passado sequer um dia separados.

Tinham expressões felizes, apesar da doença, não mostravam indignação, medo ou tristeza.

De vez em quando vinha uma moça morena que chamavam de filha, ou pequena Liz. A esposa se sentava, com nossa ajuda e de Liz, a moça escovava e penteada com muito cuidado os poucos fios de cabelo da senhora. Depois massageava seus ombros pernas e pés, isso sob o olhar atento do esposo e suas orientações.

Quando a moça saía do quarto eles ficavam calmos e adormeciam. No corredor ela se sentava em uma cadeira do lado oposto, ali permanecia com a cabeça baixa, aparentando estar em prece, por mais de uma hora. Passávamos por ela, que erguia os olhos e expressava um ténue sorriso. Todos gostavam dela, ficávamos muito contentes, porque quando ela visitava o casal, todos da ala teriam um dia tranquilo. Passamos a ansiar pelas visitas de Liz.

Depois a moça se levantava e andava devagar até elevador, e já sabíamos que retornaria na outra semana.

Isso se repetiu por meses. Mas a mulher sofreu um ataque cardíaco e faleceu na noite em que completou 70 anos. O esposo assistiu toda a agonia, não quis que sua cama fosse retirada do quarto.

Então algo incomum aconteceu. Ele adormeceu, enquanto retiravam o corpo da mulher. O deixamos descansar, nenhum aparelho deu sinal de parada ou soou algum bip.

Quando o enfermeiro responsável, entrou no quarto tomou um susto, chamou outra colega, eu também fui ao corredor perguntar o que estava ocorrendo, ele não conseguia falar, apontou para o quarto, o homem também falecera. Todos nós vimos Liz e o casal, caminharam para fora do quarto, andaram pelo corredor, por fim desapareceram sem explicação.

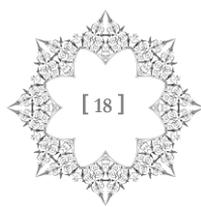
Ficamos atordoados, choramos, rezamos e agradecemos a Deus por ter tido a oportunidade de ver a presença de um ser angelical, com nossos olhos descrentes e muitas vezes sem esperança. Em nossa luta por nossos pacientes, muitas vezes achamos ser injusto tanto padecimento, dor, sofrimento, muitos inconformados, não aceitam a doença, não confiam na presença de um amor maior, o amor de Deus por seus filhos.

O amor que liga almas irmãs, que tanto se amam que não conseguem viver nem mais um minuto sem o outra. O amor de pais e filhos, todo amor que converge para a gratidão, aceitação e a confiança de que existe um outro mundo muito mais evoluído que a terra dos mortais.

E quando o médico ligou para o filho, contou a história, mesmo não tendo presenciado o ocorrido. E o rapaz respondeu:

— Doutor, já estou indo para o aeroporto, chegarei amanhã no final da tarde. A moça que disseram ter visto no hospital, era minha irmã Elisabete, que morreu anos atrás. Ela me avisou em sonho, sobre o desencarne dos meus pais. Contatei um amigo de nossa família, para adiantar os trâmites necessários. Agradeço ao Senhor e sua equipe por cuidar daqueles que muito amei, e sempre me amaram.

O médico, um homem de ciência, acreditou que houve um milagre, ele mesmo já havia passado por Liz, e a cumprimentara, o sorriso da moça deixou nele uma semente de alegria naquele dia, pensando bem em todos os outros dias, ele se recordava do lindo sorriso, e se sentia muito bem. O amor é eterno e transcende a vida como nós a conhecemos. O amor de um casal, que ficaram juntos até depois da morte física, o amor de um filho a distância cumprindo sua missão terrena, o amor de uma mãe que teve os laços de outro mundo, para aliviar seu sofrimento, e acima de todos o amor de Deus, permitindo que seus seres de luz venham a Terra para nos mostrar, o verdadeiro amor, que continua eterno nos corações e almas por ele tocados. Continuamos junto aos que amamos, porque o amor é eterno.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Lembranças de amizades

Por Luiz H.

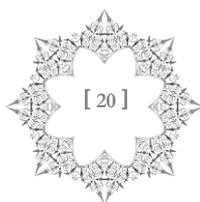
Ele é professor de línguas e escreve há algum tempo, recentemente começou a participar de concursos e afins por diversão.

No espanto de um lugar comum  
Somente naquele momento  
Vivemos algo especial  
Sem qualquer arrependimento

Nos rendemos a cada riso  
Superamos o “eu” habitual  
Postergamos todo restante  
Pelo que é o essencial

Como lembrar esse sentimento?  
Como revivê-lo em cada lembrança  
Se todo instante logo se desfaz

As memórias são atiradas ao vento  
Ecoando a triste desesperança  
Do tempo que só vai e não volta atrás





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# A pior música

Por Luiz H.

Ele é professor de línguas e escreve há algum tempo, recentemente começou a participar de concursos e afins por diversão.

— **A** final, qual é a música mais chata? — ele perguntou  
— Do que você está falando? — estranhou ela — O que isso tem a ver com o assunto?

— Nada, eu só acho a da pamonha mais chata que a do gás — e apontou para a direção de onde a música vinha se aproximando — ... aliás, essa não é aquela do Beethoven?

— Era, não é mais. Trocaram. — Ela respondeu, secamente.

— Para ele não faria muita diferença, afinal, não escutaria nada, né?

— Olha como você é, já desviou do assunto. Impressionante como você não leva nenhum assunto a sério!

Ele sabia que tinha perdido o rumo dessa conversa há muito tempo, agora tudo descambava para escavações de assuntos há muito enterrados e, pior, sabia que ia terminar mal para si. A arqueologia de um relacionamento é infundável e o que um dia foi guardado com tanto cuidado é logo depois estilhaçado, com a intenção de machucar. O comentário dele era para tentar aliviar a própria tensão e ganhar tempo, raciocinar melhor e evitar o pior. O sol batia em seu rosto, a tarde estava fresca, um clima que não favorecia qualquer briga. Por que isso justamente hoje? — ele pensou. Ela chegou perto da janela ao seu lado e disse:

— Você sabe que não tem outro jeito, não sabe?

— Sempre tem, sempre há outras opções, não me dê essa resposta covarde!

— Mais corajosa do que já fui por você? — ela falou devagar e docemente, pegando em suas mãos.

— É verdade, eu sei... — o jeito dela o desarmou e ele só abaixou a cabeça — você sempre foi muito mais do que...

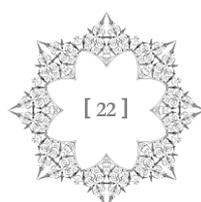
— Você sabe que não é verdade, nós só temos caminhos diferentes para trilhar.

— Mas você sempre soube andar e eu, se fingia te desvalorizar, era por não me sentir digno de ti, da sua beleza, da sua gentileza... de você.

Com a palma da mão direita ela roçou a barba por fazer dele, levantou o rosto agoniado daquele que um dia havia sido o amor de sua vida, sorriu e disse:

— Não tem problema, nada passa, só muda de lugar e você sempre terá o seu na minha história.

E assim saiu elegantemente pelo corredor do apartamento com a música do gás que se aproximava ao fundo.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Toda vez que minha mãe me pede para ficar

Por Luíza Governati Colloca

Luíza Colloca é jornalista, estudante de cinema e ama escrever. Tem interesse em temas que tocam a ela e possam despertar alguma emoção em quem os acessa. Nesse sentido, publicou um livro-reportagem em 2020 sobre a prevenção do suicídio, chamado *Dores Silenciosas*.

**A** luz do meu quarto pisca enquanto minha vida pisca diante de mim. Estou em clima de despedida sem nem ao menos saber ao certo se vou conseguir partir. Se quero partir.

Minha mãe tem medo que eu vá para longe e nunca mais volte.

É porque eu já fui e continuo indo, mas, de tanto medo, ela sempre faz com que eu não tenha outra opção a não ser me mandar uma passagem de volta.

Eu volto e me acabo, deixando no meu caminho copos vazios e minha mãe me olha com medo de que eu esqueça como é ser feliz sóbria. Mas minha mãe também tem medo de me olhar nos olhos e perceber que eu sou triste.

Minha mãe se assusta quando o meu sorriso brilha demais, porque ela tem medo que eu insista em um sonho impossível e nunca o alcance.

Sua ajuda não me ajuda, mas o único lugar onde eu procuro consolo é nela. Talvez porque existia um antes, em que eu mesma me olho e, de repente, sou uma criança totalmente dependente do seu desconfortável conforto em minhas buscas de momentos de agonia.

Quando me vejo e sinto toda essa fragilidade minha diante de mim, por estar tão melancólica com a vida, volto a pensar que sou uma criança. Criança triste. Não sei porque me ponho triste.

Não sei me preparar para me distanciar da minha mãe depois de tanto tempo aproximada em uma só casa e parece que essa ida já é um preparo para aquilo que um dia eu tanto me preparei. Já faz tanto tempo, preparando sempre sem nenhum preparo, que, hoje, depois de tanto tempo, não estou mais preparada.

Eu nunca me preparei para me adaptar a ponto de querer ficar e agora mesmo eu me forço a me preparar para esquecer aquele olhar, aquele lar.

Eu já me preparei para me despedir de tudo e hoje tudo parece querer me segurar.

Minha mãe sabe que eu vou, mas está preparada para um dia eu voltar.

Eu sei que eu vou e me preparo para ir.

Meu destino é outro e não encontro uma passagem de volta.

Minha mãe me olha e deixa de ter medo que eu desista de ser jornalista, que eu desista de trabalhar ou mesmo de estudar. Minha mãe tem medo que eu simplesmente pare. E desista da vida.

Tudo o que eu preciso é do seu colo e minha mãe me acolhe. Ela esconde seu medo e espera que eu diga algo para ela enquanto ela fica perdida em uma incompreensão de mundo meu, mundo confuso e incerto, instável e frágil. Ela sobrevoa seus próprios pensamentos e não chega nem perto dos meus, mas aterrissa em mim com seu carinho e o nada me agrada. A gente fica junto até a hora de eu me acalmar, fechar os olhos, segurar e soltar minha respiração devagar enquanto eu finjo dormir.

Ela vai embora.

Ela passa a noite toda chorando, mas sem nunca saber se eu vou mesmo ficar. De repente, ela também vira uma criança. Criança apavorada. Não sei por que ela se põe tão apavorada.

Se eu nunca fico tempo demais, se eu sempre mando notícias, se ela reconhece minha cara sem mesmo eu falar.

Minha mãe chegou aos cinquenta anos muito antes que eles chegassem nela, mas, da mesma forma, ela também estagnou nos cinquenta anos. Estagnou quando não percebeu que seus filhos já eram adultos, prontos para sair de casa, que os seus planos futuros já estavam se tornando passado e que eu viver dentro de sua casa, da sua esfera e de seu pedaço, era temporário.

Minha mãe chegou aos cinquenta anos e achou que ficaria assim para sempre. Ela confunde velhice com falta de motivação, preguiça com desânimo e saudade com tristeza.

Ela reconstrói toda uma vida em uma conversa e enquanto se apavora, por se desesperar que eu me perdi, ela me apavora. É tão intenso que eu mesma sinto que ela quer que eu vá embora e eu só fico, porque faz frio lá fora. Faz frio porque não tem lugar para eu ficar, teria que caminhar até cansar.

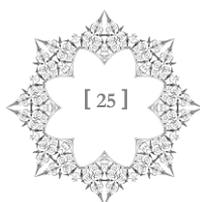
De novo fica tudo bem e uma parte dela se controla para parar de me assustar. Ela se consome tanto por mim que esquece quão insana ela fica diante de mim. Ela esquece o que me falou, para nunca imaginar o que me causou, já que tudo que ela fala é devido a uma causa do seu passado.

Uma mistura de pensar tanto nela e pensar tanto nos outros, desprezar atitude dos outros, se esforçar para não ser os outros, faz com que ela seja igual aos outros. Os outros são suas representações maternas, seus remorsos, suas mágoas e sua própria imagem refletida diante dos seus olhos, que parecem tão fechados para algumas coisas.

Ainda que tudo seja um pouco confuso para mim, que convive tão perto de minha mãe e passa tanto tempo com a minha mãe, a distância acalma tanto, que minha mãe passa a ser aceita. De longe ela fica um pouco sem saber como lidar com os cinquenta anos que não são mais tão perpétuos assim e, com o passar dos dias, eu mostro que, mesmo que ela não mude, as pessoas ao seu redor mudam. Assim, ao longe, os cinquenta anos da minha mãe também mudam.

A única companhia que me conforta nas buscas de um conforto não me conforta.

Me conforta simplesmente sempre escolher ficar e poder pensar em seu amor.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Amor através do tempo

Por Maria Antonieta Iadocicco

Maria Antonieta é historiadora, pós graduada na Usp. Tem uma coleção infantojuvenil "conhecendo e vivenciando" editora Ciranda Cultural.

Pesquisas realizadas para editora sobre: O meio ambiente (água); africanidades e vida indígenas; vida de Antônio Conselheiro. Atualmente trabalhando em seu novo romance.

**P**or volta do ano de 1850, D. Pedro II proibiu o tráfico de escravos no Brasil.

Esméria Machado filha de um nobre fazendeiro D. Gaspar Machado, estava com 5 anos aproximadamente e vivia com seus pais na fazenda do Vale da Paraíba, ele também era conhecido como Barão do Café.

Após o ato do imperador, os fazendeiros se depararam com a diminuição de mãos escravas e passaram a utilizar o trabalho dos imigrantes italianos na lavoura junto com escravos que ainda possuíam.

Nesse meio crescia Esméria. Em uma tarde, quando brincava no jardim da casa grande avistou um grupo de imigrantes aproximando-se e entre eles havia um menino de olhos azuis como o céu e com cabelos vermelhos como fogo.

Seu nome era Domenico que também observava aquela menina de cabelos castanhos com tranças, olhos amendoados brincando entre as flores do jardim.

Os novos moradores foram rapidamente distribuídos para seus postos e dona Cesira mãe de Domenico permaneceria como cozinheira da família e o pai iria para plantação de café.

Dona Cesira chegava cedo na sede para servir o café da manhã, a mesa era composta de milhos cozidos, mandiocas, broas, bolos, leite fresco e café e trazia consigo o pequeno ruivo, que passava a maior parte do tempo nos jardins brincando com Esméria, tornando-se amigos inseparáveis.

Cresceram juntos explorando todos os arredores da fazenda, iam montados em seus cavalos tomar banho de rio, andar na mata e só reapareciam nos fins de tarde.

O tempo passou e Esméria completaria quinze anos. Dom Gaspar mandou preparar uma grande festa e foi neste dia durante o baile que anunciou o noivado de sua filha com Vittorio, filho do seu grande amigo Firmínio, também cafeicultor.

Após o pronunciamento do seu pai, a jovem assustada subiu a escadaria da sala indo para o seu quarto e trancou-se lá, chorando.

Dona Tereza, sua mãe obedecendo as ordens de D. Gaspar a seguiu ordenando que cumprisse a vontade do barão e a obrigou voltar para festa.

Domenico que assistia a festa da porta da cozinha também se desesperou ao ouvir o anuncio de noivado de sua amada.

Seu pai a puxou pelo braço e disse:

— Esméria, agora você é uma mulher e já firmei minha palavra, vai se casar com Vittório que é um bom partido e daqui para frente está proibida de andar ou conversar com aquele filho da cozinheira.

A partir daquele dia ela só saía para os jardins acompanhada, passava a maior parte do tempo preparando e bordando seu enxoval. Domenico já estava com idade para trabalhar foi mandado para lavoura junto com o pai.

O seu casamento estava marcado para entrada da primavera, a sociedade toda da cidade estava sendo convidada. Ela estava triste, queria estar com Domenico mais uma vez.

Durante o almoço neste dia, seu pai comunicou que iria viajar até a cidade para tratar da venda do café e o coração de Esméria encheu de esperança.

Assim que Dom Gaspar saiu, ela pediu para sua mucama acompanhá-la num passeio, chegando próximas ao pasto ordenou que a esperasse ali até que retornasse. Correu para lavoura e fez um gesto para que Domenico a encontrasse na beira do riacho.

Durante o trajeto, D. Gaspar lembrou que tinha esquecido do livro caixa e teve que retornar para fazenda, deixando a viagem para o dia seguinte.

Ao chegar em casa perguntou a sua esposa sobre a filha e foi avisado que estava dando um passeio com a ama.

Desconfiado, saiu montado procurando por elas e mais a frente avistou a escrava. Indagada, contou ao sinhozinho que estava obedecendo ordem da menina sinhá .

O barão encarregou um dos seus capangas que conduzisse a escrava para o tronco da senzala e que lhe desse 20 chibatadas, para que servisse de exemplo aos outros cativos.

Seguiu para lavoura e não encontrou Domenico, a ira tomou conta do seu corpo e foi para o rio.

Encontrou Esméria e Domenico abraçados e trocando um beijo apaixonado. Gritou:

— Esméria, para casa! Eu me acerto com esse moleque.

Ela correu em direção ao pai pedindo perdão e que poupasse o jovem.

Bastou uma bala para acabar com a vida de Domenico.

Seu nome caiu em desgraça. Vittório a desprezou e ela foi mandada para o convento da ordem das Carmelitas descalças, onde permaneceria até o fim de seus dias sem contato com o mundo exterior.

Aos poucos adoeceu de tanta tristeza, já não se alimentava mais e sua sede era saciada com um pano umedecido nos lábios. Clamava todos os dias para que seu amor viesse busca-la.

Numa tarde fria e chuvosa uma luz branca e forte iluminou o quarto humilde onde se encontrava e uma mão estendida a chamou, era ele seu Domenico.

Abrindo um largo sorriso ela se foi.

Todos questionaram se era caso de bruxaria, já que foi sepultada rindo como se debochasse da vida.

Um século se passou e agora estamos na década de 1950.

Com seus amigos, Alberto um jovem bonito de cabelos ruivos e lindos olhos da cor do céu passeava na praça da Sé, na capital de São Paulo.

Heleninha era uma jovem de 15 anos, cabelos castanhos trançados e olhos amendoados caminhava do outro lado da praça com sua melhor amiga.

Circulavam a praça quando os olhos azuis de Alberto cruzaram-se com os olhos risonhos de Heleninha.

O tempo parou. Finalmente suas almas se reencontraram. Se reconheceram mesmo sem dizer uma palavra como se já estivessem juntos em outras vidas.

Esqueceram os amigos e andaram lado a lado. Conversaram como velhos amigos que a muito não se viam.

Alberto, filho de um rico empresário e Heleninha de um simples operário de fábrica. Uma barreira para os pais do jovem, que sonhavam com um casamento para o filho com alguém do seu meio social.

Mesmo com a oposição dos pais, o namoro continuou as escondidas. Não aceitavam uma pobretona interesseira na seio da nobre família.

Até que a entrega aconteceu e Heleninha engravidou. Ficaram felizes, agora iriam se casar.

Algum tempo levou para que os pais de Alberto aceitassem a união mas, a vinda de um neto suavizou os corações.

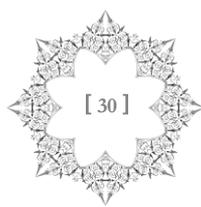
Eles estabeleceram um só condição para que tudo ficasse bem. Queriam escolher o nome da criança. E assim foi feito.

Quando o bebê nasceu, recebeu o nome do bisavô de Alberto, Gaspar! Sim, Gaspar.

Gaspar agora era filho de Heleninha, antes talvez tenha sido seu pai.

Os destinos de todos se cruzaram novamente.

Porque, quando o amor é grande e verdadeiro, ele é para sempre!!





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# A Partida

Por Mauro M. Massuda

Mauro M. Massuda é paulistano nato, formado em Administração de Empresas, leitor desde a mais tenra idade, e escritor nas horas vagas. Pai de uma filha adorável, que é a sua principal plateia para as histórias que cria, mas também interessado em temas como política, ficção-científica, mundos de fantasia, sempre atrás de sua própria jornada de herói.

A estação estava ensolarada e vazia. Ele conferiu seu relógio de pulso, seu bilhete e procurou alguma indicação da plataforma correta. Parou por uns instantes em frente a um mural com um mapa já desbotado do local, os dizeres já quase indecifráveis, e lamentou não haver nenhuma alma caridosa ali, disponível para lhe dar orientações.

Sua mala era um peso em sua mão, e ele ia alternando da direita para a esquerda, e vice-versa, para poupar seus braços. Seguiu andando sem muita certeza do que faria. Nenhum outro passageiro, empregado da companhia ferroviária, ou vendedor de jornais à vista. Observou ao longe uma enorme placa com o número “33” pintado em azul, e conferiu seu bilhete. Sim, era aquela plataforma. Apertou o passo, sentindo-se atrasado sem saber o porquê. Ouviu alguns passos atrás de si, e olhou por cima dos ombros. Ninguém.

Andou mais um pouco, mas a sensação incômoda de estar sendo acompanhado de perto por alguém o deteve. Olhou ao seu redor, várias vezes, para confirmar se não havia mesmo ninguém. Sentia-se como se sua própria sombra estivesse puxando-o pela calça, como se algo de outro mundo quisesse sua atenção.

“Oie!” ouviu uma voz se manifestar, por fim. Logo à sua frente estava uma criança, um menino talvez com pouco mais de oito anos, sorrindo de orelha a orelha. “Você estava indo embora sem se despedir de mim?”

Ele sentiu-se confuso, de onde havia aparecido aquela criança? Parecia estar desacompanhado, olhou ao redor procurando por mais pessoas, talvez seus pais.

“Ei, não tá me vendo aqui na sua frente? Eu tô aqui...” cantarolou a criança, fazendo graça de sua situação, com um sorriso.

“Ah, olha só, você está sozinho? Onde estão seus pais?” perguntou o homem, enquanto se agachava para fitá-lo nos olhos.

“Ué, você sabe, estão por aí, por ali...” apontou para várias direções, desta vez soando mais maroto, “Mas não muda de assunto, estava indo embora sem falar comigo, é?”

O Homem ficou atônito, o Menino falava como se já se conhecessem. Mas não lembrava quem ele era. Algum sobrinho, talvez? Tinha dois, mas nenhum era dessa idade. Poderia ser o filho de algum amigo, mas não se recordava quem poderia ser.

“Nós nos conhecemos... de onde, menino?” perguntou, enfim. Quando se trata de crianças, melhor não enrolar muito.

“Ué, nos conhecemos desde sempre, né! Eu era seu melhor amigo, pelo menos era o que você dizia”, respondeu o menino, fechando os olhos com força e esticando a língua para fora, antes de dar mais uma risadinha feliz.

“Eu dizia... que era seu melhor amigo?” a pergunta soou retórica, pois o Homem já não sabia se perguntava para si mesmo, ou para a criança. Mas sentia algo quente em seu peito, como se aquela conversa, ainda que misteriosa, fosse algo que já conhecia, algo agradável e feliz.

“Sim, demorou um pouco, mas aí você passou a falar isso o tempo todo, né? Ai, aqui tá chato, vamos jogar bola ou fazer alguma coisa?” respondeu dando-lhe as costas, e saindo em disparada em direção a plataforma do trem.

Ele pegou a mala, sentindo como se carregasse uma bigorna, e tentou correr atrás do menino. Sentiu-se responsável por ele, afinal de contas não havia nenhum adulto além dele ali, precisa garantir sua segurança. Seus passos eram desajeitados, e o garotinho era leve e faceiro, e agora o esperava dando pulinhos, apontando para um banco na plataforma. Por fim, jogou a mala de lado e correu até alcançá-lo, suando em bicas, e encontrou o menino sentado em um banco na plataforma 33, balançando os pés.

“Você demorou, né?” perguntou o Menino.

“Demorei pois estava carregando aquela mala, senão teria te alcançado fácil, fácil”, respondeu o homem, em meio ao esforço para recuperar o fôlego.

“Mentir é feio”, sentenciou o Menino, “e eu tava falando de você vir aqui pegar o trem, não de correr atrás de mim”.

O Homem se aconchegou no banco, ao lado do Menino. “O que você quer dizer com isso?” perguntou, intrigado. Não se lembrava de ter conversado com qualquer pessoa sobre essa viagem.

“Você sabe... Ou não sabe?” riu-se o Menino, “Você lembra para onde você vai quando pegar esse trem?”

“Não sei ao certo,” respondeu o Homem, de supetão. Desviou o olhar, aturdido com a própria fala. Meditou por uns instantes, não tinha certeza de onde estava indo. Procurou o bilhete no bolso, e examinou com cuidado. De fato, lá estava a plataforma e a hora de partido, meio-dia. Mas não seu destino. Sentiu um puxão em sua mão, o papel havia sido arrancado dela, e o Menino estava rindo e olhando com os olhos arregalados.

“Ah, tá aqui, ó”, apontou para o bilhete, zombeteiro. “Aqui tá dizendo que você vai para longe de mim, né?”

“Bom, você não vai nessa viagem comigo, certo?” respondeu o Homem, e então lhe ocorreu, em silêncio, que ainda não sabia o que fazer com o Menino. E estranhara que isso não causasse preocupação a si mesmo.

“Eu vou ficar bem”, afirmou o Menino, quase como se fosse um telepata. “Já ficamos juntos a manhã toda, né?”

“Ficamos?”, repetiu aturdido o Homem. Tentou lembrar o que fizera antes de chegar na estação. Nada lhe veio a mente.

“Sim, ficamos! Você vive voltando para cá, para brincar comigo, jogarmos bola, empinar pipa... Bom, você é bem ruim na hora de empinar pipa, né? Mas acho que você tá diferente agora”, o Menino segurou sua cabeça com as mãos e olhou profundamente em seus olhos, como se brincasse de médico e examinasse um paciente com alguma doença de faz-de-conta.

“Não me lembro de nada disso”, confessou o Homem. Olhou para o chão, para as tábuas de madeira do piso. Pareciam novas em folha, como se nunca tivessem sido pisadas. “É diferente de que jeito?”

“Ah, pra começo de conversa, das outras vezes você lembrava de termos brincado. E das outras coisas também. Mas agora... Agora parece até que não vai mais voltar”, o

Menino respondeu, pulou do banco e deu uma cambalhota. Ficou sentado no chão, esfregando o topo da cabeça. “Ai, acho que bati em algum lugar.”

O Homem se ergueu e o examinou. “Está tudo bem, não foi nada”, concluiu dando um sorriso, “mas que outras coisas, além de brincar?”

Uma lufada de vento os atingiu, forte. Talvez houvesse chuva mais tarde.

“Hmm, daquelas outras coisas chatas, que não são boas como brincar”, respondeu o Menino, enigmático, enquanto se sentava novamente ao seu lado.

“Que coisas?”, insistiu o Homem.

“Daquelas coisas...”, o Menino mexeu o pé esquerdo no ar, fazendo voltinhas. “Como quando meus irmãos mais velhos brigam comigo e não me dão atenção, né? Ou quando eu não consigo fazer a lição e a mamãe fica brava... Ou o papai não morar mais com a gente. Essas coisas.”

Ficaram em silêncio. Ele não encontrava o que falar para o Menino, ainda mais por não se recordar das coisas que ele lhe estava contando. Sentiu um desconforto em seu peito, um peso nos ombros e lágrimas se formando, buscando caminho para escorrer pelo seu rosto. Uma nova lufada do vento os atingiu, e aquelas sensações sumiram.

“Teve até aquela vez que a diretora da escola brigou comigo, na frente de todo mundo, bem no pátio da escola, né? Aquilo doeu. E quando eu ficava brincando sozinho em casa, e não tinha ninguém com quem conversar. Mas falei para você sobre essas coisas, e você me abraçou e disse que estava tudo bem”, o Menino continuou, sem tristeza. Parecia lhe ser bem natural expor aquilo tudo, do jeito como crianças são sinceras. Para elas tudo lhes parece normal, tudo se torna normal, mesmo quando não deveria ser.

“E você ficava bem?”, perguntou o Homem.

O Menino levantou o rosto, e seu sorriso brilhou naquela plataforma da estação. De orelha a orelha. “Sim, ficava, graças a você. Eu achava que era só comigo, que nunca ia conseguir fazer as coisas do jeito certo, mas você me disse que tava tudo bem, né? Que papai me amava mesmo morando em outra casa, que todo irmão mais velho é desse jeito. Que a mamãe queria que eu me esforçasse mais para estudar, só não sabia como dizer isso para mim. Eu ficava feliz, eu sabia que tudo ia dar certo”.

Uma lágrima teimosa insistia em querer descer por sua bochecha, mas o Homem disfarçou com um movimento rápido de sua mão. Talvez estivesse levando crédito por coisas que alguma outra pessoa havia feito? Alguém ajudara aquela criança a lidar com seus problemas, e fizera-o bem. Talvez ele não a reconhecesse, mas aquela criança lhe era familiar demais. De um estalo, percebeu que sabia quem era o Menino.

“Mas agora tenho que ir embora,” disse calmamente para a criança. “Também chega a hora de parar de brincarmos juntos.”

“É por que você já cresceu, né?” arriscou o Menino. “Por que para onde você vai, não dá para ficar junto comigo... Tem que ter sua própria família, né?”

“Sim, é um pouco isso. Vou começar minha vida em outro lugar, pois já sou adulto, e para isso não vou poder ficar o tempo todo aqui com você,” respondeu o Homem, pesando cada palavra para que houvesse carinho, mesmo com uma mensagem tão dura.

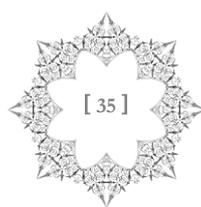
“Ah, sim. Você vai ter filhos?” perguntou o Menino, franzindo o cenho e fazendo um bico com os lábios.

“Vou, sem dúvida!” o Homem lhe respondeu, sorrindo. “E quando eu for brincar com eles, vou lembrar de você, de como você é alegre e feliz, ok?”

O Menino se levantou, num salto, e o encarou por alguns segundos, antes de abraçá-lo. Era apertado e quente, e o fez sentir-se leve. “Não esquece de mim, tá? Somos os melhores amigos do mundo, promete?” disse então, encarando o Homem com seriedade e lágrimas nos olhos.

“Sim, somos os melhores amigos para sempre, nunca vou te esquecer”, o Homem prometeu, e encostou sua testa na do Menino. “E prometo que, quando finalmente anoitecer, aquela noite que chega para todos, vamos nos reencontrar para irmos juntos para outro lugar, um lugar de luz, para sempre, certo?”

O Menino se soltou, deu-lhe as costas e saiu correndo. Depois de alguns passos, virou-se, sorriu e acenou em despedida. O Homem piscou, e ao abrir os olhos ele já não estava mais lá. E um trem, silencioso, o aguardava na plataforma para levá-lo a sua nova vida de adulto.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Relação de afeto

Por Meire Marion

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie*(2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021)*Dois Gatinhos*(2021) e *THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT* (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

Amiga

Amigo

Família que escolhemos.

Irmã

Irmão

Vem junto com a amizade.

Estimada

Estimado

Não espera nada em troca.

Ouve

Aconselha

Tão-somente está presente.

Amiga

Amigo

Quem tem, tudo tem!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Amizades tão minhas!

Por Michele Stringhini da Silva

Michele participou de antologias e revistas a nível nacional e internacional. É psicanalista clínico, terapeuta em reprogramação emocional, coach life & professional, graduada em Empreendedorismo, pós-graduada em Perícia Judicial e Extrajudicial, graduanda em Administração e pós-graduanda em Gestão de RH, etc. Sendo assim, ela tem amor pelos estudos, como também, ama estar com sua família, ama apreciar as coisas simples da vida, por consequência, tais coisas refletem um coração grato à vida e a Deus.

Amizades tão minhas:

Tão repletas de identificações,

Tão repletas de semelhanças,

Tão repletas de mim mesma.

Amizades tão minhas:

Tão sutis e sensíveis,

Tantos pedacinhos de mim no outro.

Pequenas pecinhas de um quebra-cabeça.

Pecinhas que se encaixam no outro.

Amizades tão minhas:

De pensamentos,

Como se estivessem com as mesmas vestes,

Com o mesmo tamanho da roupagem que os meus.

Quanta surpresa, quanta coisa em comum.

Amizades tão minhas:

Tão cheias de particularidades e diferenças,

Tão cheias de adornos prata e ouro,

Tão brilhantes cada um no seu tom.

Amizades tão minhas:

Parece que nos conhecemos há anos.

Existe a transparência de um diamante,

Não há o que esconder,

A cada dia fica mais claro e confiante.

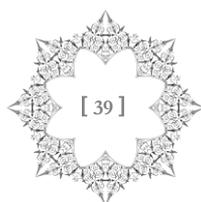
Amizades tão minhas:

Agora sem se perder de mim,

Sou a minha primeira melhor amiga:

É cuidar-me, é amar-me primeiro,

Para preservar flores no meu jardim de amizades cores.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# O Velar das Primaveras

Por Danilo Lucena Chagas

Estudante do curso de Licenciatura Plena em Letras  
(Português/Espanhol) da UFRPE.

Declaro-te que te amo  
Declaro-te que sou grato  
Declaro-te que te espero  
Muito mais no anonimato.

A doçura em cada olhar  
O sorriso esbranquiçado  
A beleza dos teus cachos  
Perdurando em meus olhos.

Confesso-te que temi  
Ó temi eu te perder  
Mas a Rosa de Saron  
Jamais deixou-me esquecer  
Que és o girassol reluzente  
Uma promessa veemente  
Que alcancei do mais sincero  
Te amo, te espero e te venero  
Em cada Primavera te Velo.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

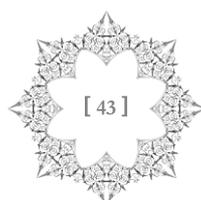
# O Rosto e o Pincel

Por Danilo Lucena Chagas

Estudante do curso de Licenciatura Plena em Letras  
(Português/Espanhol) da UFRPE.

Ao passar todos os dias pela tua grandeza;  
Desde o dia do fisgar da tua beleza;  
Contemplava dos laços o penhor que ali se fez;  
Noites em claro e dias em inércia;  
Para que tanta pressa, se estás logo ali?

Mas um dia motivo teve dentre guerras e pensares;  
De desmoronares tuas fendas, ferros e pesares;  
E ao olhar-te com rosto de fulgor perdido;  
Todo muturo que em mim se fez sentido;  
Avistou-se um pincel que para ti é inútil;  
Ó casa do pulsar, um dia trouxeste-me felicidades;  
Hoje, deixas-me um instrumento, para trazer vida aos escombros que em meu ser  
produziste.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Amor Humano e Natureza

Por Danilo Lucena Chagas

Estudante do curso de Licenciatura Plena em Letras  
(Português/Espanhol) da UFRPE.

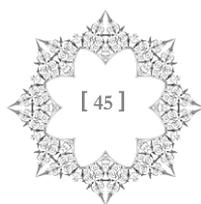
Manhã de um belo dia escuro;  
Despertava um ser com frio e puro;  
Pássaros em sintonias, cantos mui fugazes, ventos mui velozes, mortes e descompassos;  
Transcende da alma o inalcançável.

Falta triste, opaca, temida, vivida;  
Um pedaço de seu ser, mirou na fenda das rochas;  
Campo radioso, deslumbrante, vidas amantes e luto do viver;  
Como pode o homem sentir-se natural?  
Se na ótica do fulgor não encontra sua essência?

Rios jorram e escorrem deleitosos;  
Momentos, memórias, delírios tenebrosos;  
Qual o resplandecer da linda Imagem?  
Tornar crepúsculo o que é tão esfuziante.

Como aurora no universo é o amor humano;  
Nasce, cresce, desenvolve-se e finda-se;  
Como pode uma aurora nascer, se outra não fenecer?  
Pois que tão umbrosa é a noite que logo lhe advém.

Quem dera se a aurora fosse tal a sua essência;  
No dialeto das vidas manter-se com prudência;  
Pois quão lindas são as aves no encontro primo ao seu par;  
Assim queria o homem eternamente o “primo” amar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Paisagens

Por Roan Sousa

Roan Sousa nasceu no Rio de Janeiro, em 1993. É acadêmico do curso de Letras e servidor público, atuando na rede estadual de educação do Rio de Janeiro. Participou das coletâneas literárias Em Busca de 360° de (In)Felicidade, da Comunidade dos Artistas Comiserados, Contos Fantásticos, da Editora Expressividade, Ficção Científica e Espada e Feitiçaria da Revista Conexão Literatura Nuvens, Mão de Ferro e Elementais da Andross Editora.

Você como o mais belo peixinho dourado  
Brincando nas correntezas do mar  
Eu como o maior dos sonhadores  
Voando no vasto céu

Quase brigamos para decidir  
Qual azul é o mais bonito  
Qual transmite mais paz

Até hoje sei  
Que ainda não chegamos  
A um consenso

Fato é que certo dia  
Sonhei tanto, que cheguei  
Perto demais do sol

Minhas asas derreteram  
Mas não me esborrachei  
Por um milagre

Por algo mais inexplicável  
Que esses versos  
Tu estavas lá

Confesso que no seu lugar  
Não conseguiria fazer o mesmo  
Eu não queria ajuda

Mas você  
Cuidou de mim  
E não me deixou desistir





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Paraíso

Por Roan Sousa

Roan Sousa nasceu no Rio de Janeiro, em 1993. É acadêmico do curso de Letras e servidor público, atuando na rede estadual de educação do Rio de Janeiro. Participou das coletâneas literárias Em Busca de 360° de (In)Felicidade, da Comunidade dos Artistas Comiserados, Contos Fantásticos, da Editora Expressividade, Ficção Científica e Espada e Feitiçaria da Revista Conexão Literatura Nuvens, Mão de Ferro e Elementais da Andross Editora.

— **M**as a vida precisa mesmo ter algum sentido? — perguntou Romeu a Celeste — Sei lá, talvez nós sejamos só um amontoado de moléculas em uma luta constante contra o ambiente. Tipo, minhas medalhas e meus textos parecem dar algum propósito à minha vida. Mas sei que com o tempo tudo isso vai se perder.

O que ele não queria admitir é que Celeste estava se tornando o verdadeiro motivo por ele levantar todas as manhãs. A primeira coisa que vinha à cabeça de Romeu todo santo dia era aquele enigmático sorriso, em um rosto tão harmonioso quanto a natureza fosse capaz de esculpir.

Você que está lendo já deve ter conhecido alguém que simplesmente não consegue conter aquele olhar bobo de quando se está apaixonado. Pois era exatamente nesse estado de êxtase que aquele jovem se encontrava. A cada segundo, os detalhes de sua amada se faziam vivos em sua mente.

E quando digo detalhes é porque muitos deles encantaram Romeu: os longos cabelos, ora presos, ora soltos; a voz suave capaz de acalmar qualquer ambiente; o olhar levemente distraído. Caso exista essa história de alma gêmea, o rapaz estava certo de que havia encontrado a dele. Mesmo não acreditando muito na existência de almas.

Parecia ser a primeira vez que sentia o seu coração. Não como o órgão responsável por bombear o sangue, isso ele já sabia, mas como o guia interno para os seus caminhos. Via agora uma possibilidade de conectar-se consigo mesmo. Como se sua vida o tivesse levado até ali.

Mas essa conexão ainda ia muito além. Depois da viagem interior, Romeu conseguia se sentir parte do universo. Tinha a impressão de estar ligado às galáxias distantes, a cada ser vivo. Aliás, é importante que você saiba que com exceção dos humanos, Celeste amava cada criatura desse e de outros mundos.

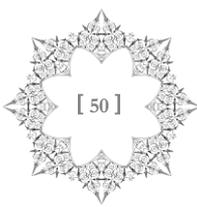
Tudo em Celeste era inesquecível para Romeu. O que ele sentia era que ao lado dela era onde realmente deveria estar. O mundo passava a ser um lugar melhor, só pela existência dela. Pouco a pouco, o rapaz entregava completamente seu coração à jovem cujos longos cabelos escuros o faziam sentir-se nas nuvens.

— Feche os olhos! — exclamou Celeste em mais uma caminhada dos dois após o horário de trabalho — Tem uma situação um tanto constrangedora que precisamos resolver.

Romeu não podia acreditar. Tinha chegado a hora do tão esperado e sonhado primeiro beijo do casal. Como tudo envolvendo esses dois, foi um momento eterno. O jovem sabia, que pouca coisa em sua vida se igualaria ao que estava vivendo ali. Dizem que a vida é um eterno amadurecimento. A conexão que sentia com Celeste fazia o rapaz pensar ter subido alguns degraus rumo à sua elevação como ser humano.

As emoções eram várias! Por dias Romeu esperava que Celeste lhe desse uma chance. Ele simplesmente não sabia como reagir ou o que dizer. Ficou perplexo por alguns segundos, como que em uma conversa interna, digerindo e vivendo lentamente o silêncio e a paz que pareciam vir de outra dimensão.

Aquele beijo encadeou em Romeu uma série de sentimentos. Aconteceu até antes do que ele planejava. Mas estava feliz. Nada poderia o fazer se sentir diferente naquela noite. Até o cheiro de terra molhada da chuva que caíra mais cedo trazia algo de especial para o ar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Improvável

Por Roan Sousa

Roan Sousa nasceu no Rio de Janeiro, em 1993. É acadêmico do curso de Letras e servidor público, atuando na rede estadual de educação do Rio de Janeiro. Participou das coletâneas literárias Em Busca de 360° de (In)Felicidade, da Comunidade dos Artistas Comiserados, Contos Fantásticos, da Editora Expressividade, Ficção Científica e Espada e Feitiçaria da Revista Conexão Literatura Nuvens, Mão de Ferro e Elementais da Andross Editora.

Morena de sobrenome polonês  
O mundo já girou para mim  
Quase o dobro de vezes  
Que para você

Meu tempo de vida, entretanto  
Não se converte em juízo  
Pelo menos quando  
Estou perto de você

Conheces meus segredos  
De uma forma que creio  
Que não deverias

Isso me dá medo  
Mas me faz bem  
Sei nem por que

Me mostrou a história  
Do menino que vira lobo  
E joga um esporte estranho

O helicóptero leva  
Para caminhos desconhecidos  
Que sempre chegam  
Ao mesmo destino

Já apanhei algumas vezes  
Seja com tapas na nuca  
Ou com seu cabelo voando  
Na minha cara

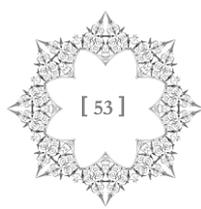
Cumpro o que prometo  
Mas ainda não tive a deixa  
Para o revide

Não sei se é exatamente  
O que você queria  
Mas aí está um poema

Ora eu sou sua consciência  
Ora você é a minha

Eu uma criança  
Descobrimo o mundo  
E você vividona

Diria por horas  
O quanto te gosto  
E ainda assim seria pouco





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Amor-Perfeito

Por Sellma Luanny

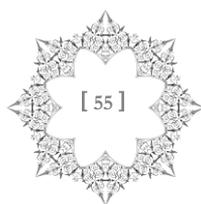
Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Nomes às coisas dados,  
pelos criadores  
de sonhos e estórias.  
Achege o que se imagina...  
Seres supremos, sua corte,  
seus prazeres e amores...  
Ilumina-se trevas até!

E lá vem o "amor-perfeito"  
- reza a lenda  
de um "secreto amor".  
A ornar de cores e odores  
campos jardins e os seus atores,  
desde então,  
a *Viola tricolor*.

A narrativa esvaeceu...  
Mas nas suas singelas  
multicoloridas pétalas,  
deslumbra os olhos  
do sereno anejo, esta flor.

Prazeres visuais  
e emoções da estação,  
ela traz...  
De "amor" o nome recorda.  
Se "perfeito"...  
diga quem o sente.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# O Verbo Amar

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Deixando de lado  
meros arroubos juvenis...  
a dar com acertos  
ou disparates  
nos condimentos,  
a maturidade.

Pelas veredas  
do inconsciente,  
amar... intransitivo  
não mais suficiente.  
Pede por um objeto...  
a transitar...  
o melindroso consciente.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Amigos No Tempo

Por Sellma Luanny

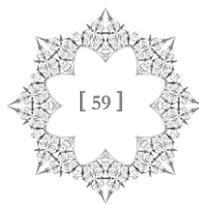
Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Amigos de outrora  
amigos de agora  
amigos da infância  
da adolescência  
a consolidarem uma relação.

Amigos de momentos  
amigos de sempre  
amigos que marcam  
que consolam  
que dissipam.

Amigos esquecidos  
amigos lembrados  
amigos de longe  
de perto  
de todo lugar.

Amigos que ficam  
amigos que partem.  
Amigos que se ligam  
pelas extremidades  
do que permanece  
desse fio chamado Vida.





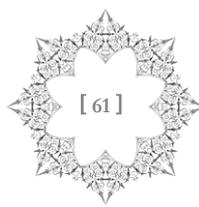
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Satisfação

Por Sílvia Cristina Lalli

Licenciada em Língua Portuguesa, Inglesa e respectivas literaturas, pós graduada em Língua espanhola, e certificada pelo Instituto Cervantes com o nível C1, atualmente ministra aulas de língua espanhola e cursos preparatórios para os exames DELE.

O que fizeste para que meus pensamentos  
pertencessem a ti?  
O que fizeste para que meu corpo  
Desejasse o teu?  
Amarraste a minha razão,  
Me fizeste somente ilusão.  
Sofrendo penas por este sentimento cruel e  
Desatino,  
Sei que ficarmos juntos não será nosso destino.  
Quero libertar – me dessa loucura  
Que me põe a tortura.  
Prova de fogo, cruel e vil,  
De um amor que antes de ser nunca existiu.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Sem fim, sem sim

Por Sílvia Cristina Lalli

Licenciada em Língua Portuguesa, Inglesa e respectivas literaturas, pós graduada em Língua espanhola, e certificada pelo Instituto Cervantes com o nível C1, atualmente ministra aulas de língua espanhola e cursos preparatórios para os exames DELE.

Te amo

Ainda.

Não finda.

Penso,

Repenso,

Imenso,

Intenso,

Vazio,

Tormento,

Lamento,

No descontentamento de amar só.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Um apólogo humilde (Continuação de “Um Apólogo”, de Machado de Assis)

Por Tiago Salpin

Tiago Salgado Vieira, natural de Guarulhos, nasceu em 03 de Fevereiro de 2002. Trabalha inspecionando implantes, e gosta de escrever desde a infância. Ficou surpreso ao ver como as palavras podem fazer as pessoas felizes, e desde 2021, participa de concursos literários para mostrar o seu talento, assim como já havia feito em anos anteriores.

Vocês se lembram daquela história impossível sobre a agulha e a linha? Aquela em que as duas, até então cheias de orgulho, discutem para ver qual delas é a melhor? E que no final, a agulha teve que ouvir a bronca de um alfinete enquanto a linha levava vantagem? Gostaria de saber o que aconteceu com elas? Então, deixem eu contar a história.

Bom, depois que a agulha reconheceu que havia perdida pra linha, ela voltou para casa com a costureira. Mas, mesmo estando de volta a caixa de costura, a agulha não se sentia feliz.

Houve outras vezes em que a agulha trabalhou puxando linha – não a que ficou no vestido da baronesa — mas, quando ela estava sendo usada, ficava com um ar profissional e não falava nada, pra dizer a verdade, ela não falava nada em nenhum outro momento, nem que se fizessem cócegas nela, o que seria meio que impossível, já que ela era uma agulha.

Aquela figura pontiaguda viu várias agulhas, botões, alfinetes, linhas – algumas delas, bem amigáveis — e viu vários outros utensílios de costura enquanto trabalhava, mas era alheia a todos eles. Até que, num dia bem corrido, a velha costureira estava trabalhando em sua casa quando, sem querer, esbarrou na mesinha em que estava a agulha e outros materiais de costura.

A velha costureira não percebeu o sumiço da agulha, e voltou a trabalhar. E aquela figura pontiaguda ficou lá, sozinha entre um dos espaços das tábuas do chão, esperando que a mulher visse o que era quase imperceptível.

Pobre agulha. Porém, a linha também não estava em melhor situação. Quer dizer, ela conseguiu mostrar que era importante à ponto de ir ao baile no vestido da baronesa. Mas no baile, a linha sofreu da mesma forma com que havia feito a agulha sofrer. Os botões e as linhas que uniam as roupas de outras pessoas da alta classe não queriam falar com ela. Tinham um ar de importância maior do que a linha havia demonstrado antes.

Até mesmo no armário onde o vestido era guardado, a linha ouvia a arrogância vida de outras roupas, cujas linhas, botões e cadarços a faziam se sentir inferior por ser “a novata.”

“Ah, queria tanto estar na caixa de costura de novo!” — pensava a linha, que não estava feliz, embora a baronesa a tenha usado mais três ou quatro vezes antes do incêndio.

Aquele incêndio foi terrível. Foi fogo para todo lado. Não se sabe de onde ele começou, mas ele queimou metade da casa da casa da baronesa, incluindo o armário onde a linha estava.

O barão, a baronesa e os seus empregados conseguiram se salvar, assim como as linhas, os cadarços e botões das roupas e sapatos, mas agora a situação tinha mudado. E a

linha? Bom, aquela linha que antes havia se gabado de ser a maior, agora era apenas um fiapo chamuscado em meio aos escombros. E triste, sem ter aonde ir, propôs-se a vagar sem rumo.

E a agulha? O que aconteceu com ela? Bom, a velha costureira um dia resolveu viajar para a cidade onde seus filhos moravam. Ela pegou tudo, até a caixa de costura – no qual, a agulha não estava — trancou a porta, foi embora, e ficou por lá, junto com os filhos. E a agulha ficou lá dentro de casa, sozinha.

Os tempos se passaram, e o mundo já não precisava mais daquela dupla, daquelas duas personagens esquecidas pelo tempo. Mas, não é que de tanto vagar, a linha foi parar bem na frente da casa onde a agulha estava?

Quem não gostou de saber disso foi a agulha. Reconhecendo a linha pela janela da casa, ela rompeu o silêncio e gritou:

— Olha, vejam só quem está aqui! O que traz o poderoso imperador à humilde casa do seu batedor? Porque será que ele veio até esse humilde bairro? Será que caiu do trono? – e a linha não disse nada. Sentia que merecia o ressentimento que a agulha tinha dela.

E assim, os dias se passaram. A agulha descontava a sua mágoa na linha, que por sua vez, ouvia tudo estando triste e calada. Até que um dia, ela falou:

— Perdão, agulha, perdão! Eu errei te tratando mal daquele jeito! Você tinha razão: nenhuma linha é nada sem você. Eu ter sido orgulhosa não me levou a nada, apenas a uma vida miserável. Me perdoa.

— Você não tem nada! — disse a agulha — E só agora você vem aqui na minha casa e me diz isso?

Porém, isso também não durou por muito tempo. A casa da costureira havia sido vendida para uma construtora, que derrubaria essa e outras casas para construir um prédio.

As máquinas de demolição vieram na manhã seguinte, e começaram a derrubar tudo, sem a menor piedade. Foi tremor pra todo lado. E a agulha, nem percebeu o que a atingiu. O seu reino também havia caído, e ela quase foi junto. Mas, graças a linha, que tirou ela dos escombros, ela foi salva.

A agulha estava desmaiada e também não era por menos, visto que havia estado debaixo de tantos escombros. Apesar disso, a agulha não havia se machucado muito. Só tinha ficado um pouquinho torta.

— Agulha? — perguntou a linha — Você está bem?

— Hã? O quê? Por que fez isso? — perguntou a agulha.

— Eu não queria errar com você de novo.

— Sei ... Bom, agora já vou.

— Espera, fique aqui!

— Pra quê? Do que isso adiantaria? Nós fomos esquecidos pelo tempo! Não há mais espaço neste mundo para nós, e tampouco há espaço nele para ficarmos perto um do outro! Um de nós dois tem que sair, e é isso o que vou fazer agora!

A agulha estava determinada a ficar o mais longe possível da linha. Não queria vê-la nunca mais, nem que fosse feita de ouro. As duas estavam seguindo rumos diferentes, cada vez mais distantes uma da outra, até que um acontecimento as fez ficarem juntas de novo.

Um gato de rua saiu sabe-se lá de onde e surpreendeu a linha com seu miado, e daí começou a brincar com a linha, batendo nela com as patas.

E a linha gritava para o felino parar, mas o gato, sendo apenas um bicho, não entendia nada, e continuou deixando a linha atordoada.

Daí, a agulha ouviu os gritos da linha, olhou para trás e correu para salvá-la. O gato deu uma patada na agulha, mas logo se arrependeu. Ele deu um miado agudo de dor quando espetou a pata na ponta da agulha, fez uma cara arisca para ela e foi embora.

O gato foi esperto ao fugir. Porque? Porque “gato escaldado tem medo de água fria.” Começou a desabar um pé d’água do céu. E foi água pra todo lado. A chuva era forte, mais tão forte, que quase levou a linha pra dentro do esgoto se ela não estivesse amarrada na agulha.

A agulha teve que se fincar nas paredes até a chuva passar. Mas, ela foi feita para furar tecidos, e não concreto, de forma que a enxurrada levou as duas ladeira à baixo.

Elas foram levadas pela chuva até um poça de água parada no meio da rua, mas a chuva não dava trégua. A agulha e a linha precisavam de um abrigo, mas onde? Até que, a agulha viu uma estátua meio difícil de distinguir devido a escuridão da noite.

A agulha escalou a estátua carregando a linha. Foi difícil fazer isso enquanto chovia, mas ela conseguiu achar um abrigo contra a chuva.

Na manhã seguinte, a linha acordou.

— Hã? Agulha? Você . . . me salvou. — disse a linha — Muito obrigado.

— Sou eu que devo te agradecer por você ter me salvado primeiro. — falou a agulha – E me perdoe por ter agido de modo tão orgulhoso.

— Tudo bem. Eu também peço perdão pelo modo tolo que tratei você. Me desculpe.

— Tudo bem. Isso pertence ao passado agora.

É, a agulha e a linha enfim tinham feito as pazes. E essas duas amigas improváveis permaneceram morando dentro da manga da estátua até hoje, lá na Academia brasileira

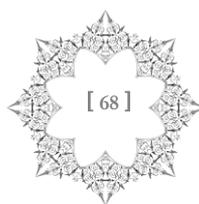
de Letras. Soube por meio de alguns botões que frequentam esse lugar que a estátua é do fundador dessa academia, um tal de Homem de Machado, ou algum outro nome assim.

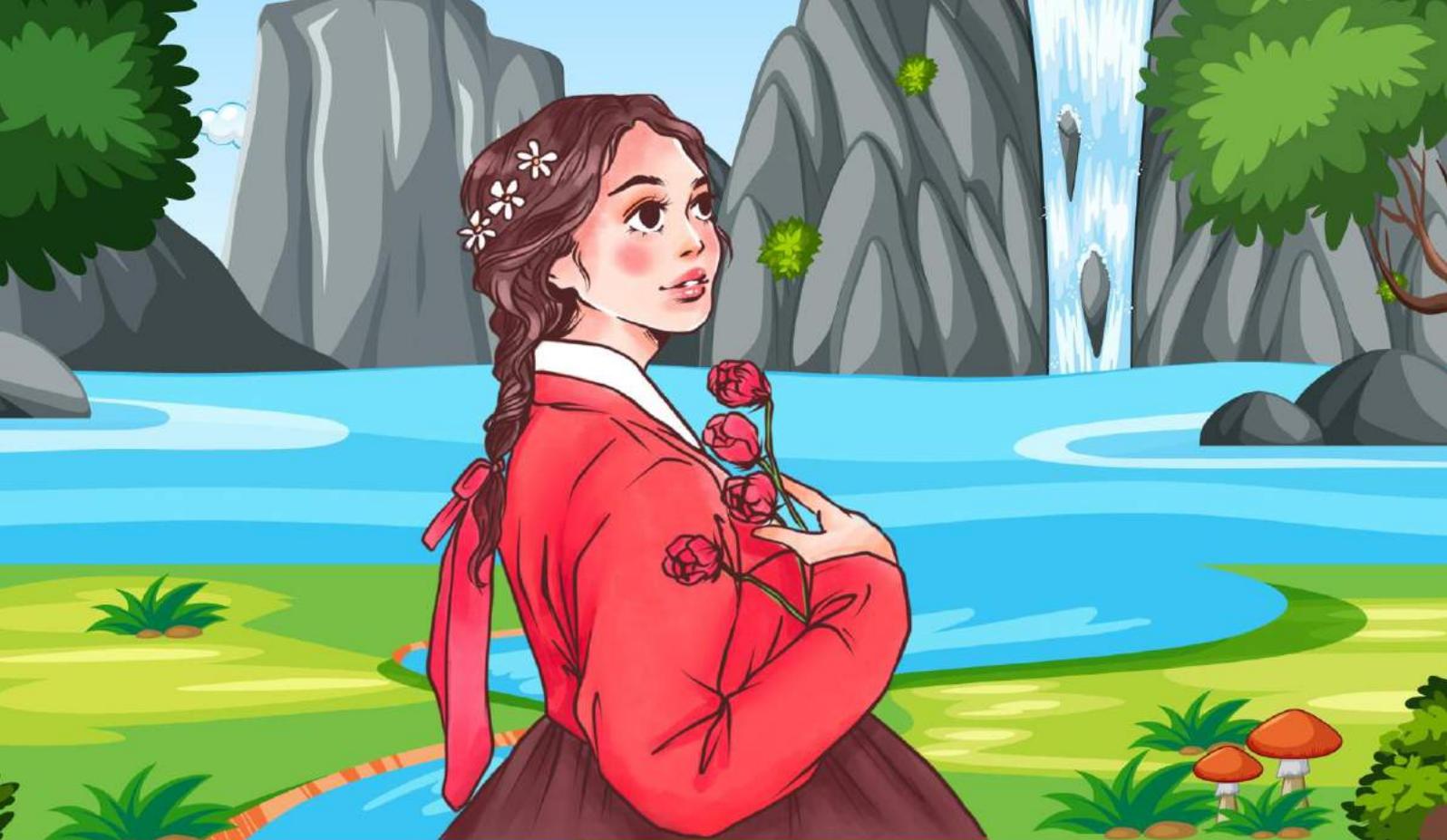
Mas, como eu sei de tudo isso? Porque eu sou aquele alfinete que deu bronca na agulha há muito tempo atrás. Provei tanto da realidade que cheguei a defender uma atitude tão orgulhosa como sendo certa. Agora, defendo que o certo não é ser orgulhoso, e sim, sermos humildes, humildes assim como a agulha e a linha foram, a ponto de se ajudarem e de perdoarem uma a outra.

Sabem, eu já fiquei em muitos lugares ao longo da minha jornada como alfinete, mas nunca havia ficado num lugar tão bom como a casa da agulha e da linha, na qual estou até hoje e onde elas me contaram essa história, história essa que, assim como os personagens deste conto, não passaram de pura invenção vinda da cabeça do Homem de Machado.

Além de tudo isso, acreditam que eu contei toda essa história para um professor que estava infeliz, melancólico? Pois é verdade. Sabem o que ele disse?

— Como eu adoro finais felizes!





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# Sereia virtual

Por Wagner Pires

Cearense de Fortaleza, atualmente morando no Rio Grande do Sul, onde cursa doutorado em Educação. Servidor público, historiador e também escritor, escreve contos sobre suas vivências e experiências e andanças, que como bom cearense teve por todo Brasil.

**D**ia desses encontrei um amigo da faculdade na rua. A gente não se via fazia um tempão. Ele esteve em meu casamento, lembro bem, depois a gente foi se distanciando. Fomos para um barzinho, ali mesmo pelo Benfica. Conversamos sobre os colegas de faculdade, sobre a família, emprego, aquelas amenidades todas que se conversa com um amigo de longa data. Então o celular vibra. Mensagem. Olho e vejo de quem é. Não posso deixar de sorrir. Peço licença e digo que tenho que ler. Saio do balcão para um lugar mais reservado e quando volto meu amigo faz cara de quem me pegou no pulo.

“Velho, quem é? Pela sua cara só pode ser mulher!”, tentei desconversar. Mas depois, acabei abrindo o jogo. Falei que era uma amiga. Muito querida.

“Conheci na internet e estamos teclando há um tempo”.

“Qual é, bicho? Voltou a ser adolescente?”

“Que nada! Estou só aproveitando a oportunidade que a Web nos dá de conhecer pessoas interessantes, dos lugares mais diversos”.

“Sei, sei...”

Ao ver a atitude reticente, acabei por explicar o que estava rolando e o tipo de envolvimento nada convencional que estava desenvolvendo.

“Ela era linda como uma manhã de primavera. Ela trazia o azul do céu em seu olhar e as cores rubras do ocaso em seu cabelo. Foi passar pelo seu perfil e ficar instantaneamente preso a ela, que exercia uma força gravitacional que superava a dos planetas. Dei-me conta de vivenciar um evento cósmico em minha vida. Uma sereia! Uma sereia como manda o figurino! Enigmática, uma beleza de deixar sem palavras e seduzindo com a naturalidade de quem respira!”

O amigo riu. “Sereia?”

“Sim! Ela faz trampos de modelo como sereia”.

Enquanto falava com ele, me lembrei da Odisseia, quando para ouvir o canto das sereias ileso, Ulisses amarrou-se no mastro do navio, conduzido pelos companheiros de ouvidos tapados. Temerário, ousei me aproximar sem cuidado algum e aqui sigo enleado, na doce loucura que é dedicar a ela meu afeto! Posso dizer, que agradeço por não ter sido tolo como Ulisses e me deixei levar. Enquanto isso continuava a relatar meu inusitado encontro.

“Comecei a seguir suas redes sociais: twitter, Instagram, TikTok. Cada foto, cada vídeo, mesmo visto tantas vezes me parecem novos! Porque as nuances dela, vejam só, mudavam sempre, porque sempre percebia algo novo. Lembra do filósofo que dizia que não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, era assim comigo, acredite!”

Tomei um gole de cerveja, molhando a garganta para continuar a história.

“Então, um dia, tomei coragem. Enviei um comentário. Ela curtiu! Olha, pareceu-me um dia de sol em meio a um inverno rigoroso. Aqueceu meu coração. Acostumei-me a comentar. Até que, pasmem, ela respondeu um dos meus comentários: foi um lacônico obrigado. Mas foi como uma explosão de galáxias, nos Confins do universo! Desde então conversamos sobre tudo. Uma amizade virtual, onde trocamos conselhos e rimos um pouco das coisas corriqueiras das vidas um do outro. Me desligo, trato dos meus

assuntos, mas volta e meia estou ali, nas redes a rever a deusa. Estabelecemos uma relação na qual ela é o luar que banha a noite de prata e eu sou o pirilampo, que vagueia encantada sob a luz que é toda dela”.

“Que loucura, cara! Então, você já a encontrou? Assim, pessoalmente?”

“Não! Moramos a quilômetros de distância! E até gosto. Essa intangibilidade dela me atrai ainda mais”.

“Meu capitão”, usou o apelido que usava na faculdade, “isso é loucura.”

“Sim, pode ser. Meu cérebro, exasperado, vem arengar comigo, explicitar segundo a razão, como está minha situação”.

“Ela é casada?”

“Sim, mas e daí? eu também sou!”

“Ela é infiel?”

“Não, nada disso. Ama o esposo. E tu me conhece e sabe que também não trairia minha esposa. Mas o desejo, a imaginação, são livres”.

“É loucura! A mais rematada loucura!”

“Posso dizer que é a mais doce loucura e, ainda, a que me permite as doses necessárias de lucidez. Ora que me importa o que me diz a consciência, se já agora sou todo coração? Um coração que bate em uma só frequência, a do alumbramento”.

Ele tomou um gole da cerveja e antes que prosseguisse, eu acrescentei:

“Sigo assim, preso às redes da web, pelos encantos de uma sereia virtual, que, verdade seja dita, poderia ser inspiração para epopeias, cantos e versos, mas que, perdoe-me Camões se aqui eu o copio, na falta de engenho e arte, vai sendo celebrada por este destemperado e rouco, que garatuja linhas simplistas, para falar da mais bela, brilhante e interessante das musas”.

O amigo apertou minhas mãos, reconhecendo que ainda sou tão maluco, quanto nos tempos da graduação. Abraçou-me dizendo:

“E é por isso que você é ótimo! Me descreveste uma personagem, uma miragem. Será real? Quem sabe?”

“A pergunta não é quem sabe. A pergunta é: isso importa? Real ou não, umas tantas mensagens, vídeos, uma foto, um áudio curtinho, trocados assim, em meio a rotina do dia a dia, tem me feito um bem danado”.

Despedimo-nos. Alguns dias depois, rolando a tela do celular, em uma foto no perfil dela, vi a curtida do meu amigo. Mais um envolvido pelo canto virtual da sereia, que me ajuda a encher de alegria a minha vida.



CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**VISITE:** [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**CURTA:** [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

**SIGA:** [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

**INSCREVA-SE:** [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)

**E-MAIL:** [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**